

# ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES  
1863-2013

Patrocinador oficial  
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves  
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.  
Tiragem: 400 exemplares  
Depósito Legal: 366919/13  
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses  
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



# ARTE MENÍRICA: COMPARAÇÃO SISTEMÁTICA ENTRE O ALENTEJO CENTRAL E O BARLAVENTO ALGARVIO

Eliana Goufa / NAP; UAlg / e.goufa.arq@gmail.com

## RESUMO

No actual território português assistimos a uma paisagem megalítica com espaços sociais diversificados que revelam a coexistência de diferentes expressões culturais. Essas diferenças culturais são notáveis quando analisamos a iconografia apresentada nos menires.

Para obter uma resposta preliminar sobre se existiu ou não uma relação entre as comunidades neolíticas do Barlavento Algarvio e do Alentejo, nomeadamente do Alentejo Central, ao nível da arte menírica, procurou-se fazer uma avaliação global dos menires decorados destas duas regiões com o objectivo de realizar uma comparação iconográfica. As diferenças iconográficas observadas, que parecem suplantar as semelhanças, levantam inúmeras questões e possibilidades interpretativas.

## ABSTRACT

In the current Portuguese territory we witnessed a megalithic landscape with diverse social spaces that reveal the coexistence of different cultural expressions. These cultural differences are noticeable when analyzing the iconography presented in menhirs.

For a preliminary answer to whether or not a relationship existed between the Neolithic communities of the western Algarve and Alentejo, including Central Alentejo, regarding the so-called “menhiric” art, we tried to make an overall assessment of decorated menhirs in these two regions with the purpose of performing an iconographic comparison. The differences observed, which seem to outweigh the similarities, raise numerous of questions and interpretive possibilities.

## INTRODUÇÃO

Em Portugal, nas últimas décadas, o megalitismo tem sido tema de um aceso debate no que diz respeito às suas origens, no sentido de se procurar saber quais as primeiras construções a serem erguidas, quando (embora se aponte para o 5º e 4º milénios a.C.) e por que comunidades. O registo da arte rupestre, gravada ou em relevo, em contexto megalítico é também um outro tema que se tem tido em consideração. A sua cronologia e significado são alguns dos parâmetros que ainda continuam por se perceber.

No presente artigo temos como principais objectivos:

A) Apresentar uma análise global dos motivos iconográficos representados nos menires do Alto Alentejo, nomeadamente da região entre Montemor-o-Novo e Évora, e do Barlavento Algarvio;

B) Realizar uma comparação sistemática entre a arte menírica destas duas regiões;

C) Lançar questões que possam servir de apoio para futuros estudos. Note-se que estamos a falar de duas regiões que parecem mostrar comportamentos simbólicos e ideológicos distintos.

Jorge de Oliveira (1997), Leonor Rocha (2010), Manuel Calado (1997), Mário V. Gomes (1997a, 2011) e Victor S. Gonçalves (1999) são alguns dos principais investigadores que têm dado o seu contributo para o estudo não só do megalitismo do Alto Alentejo, como também têm tido a preocupação de registar os motivos iconográficos apresentados neste contexto. Para a região do Barlavento Algarvio, Mário V. Gomes (1997b) tem também publicado várias obras sobre o estudo do megalitismo nesta área, bem como uma breve indicação das decorações representadas. Para o Sotavento Algarvio, temos ape-

nas um trabalho publicado por João L. Cardoso *et alia* (2002) sobre os menires de Lavajo I e II, que inclui os resultados da escavação e os levantamentos gráficos dos três menires de Lavajo I.

## MOTIVOS ICONOGRÁFICOS NOS MENIRES DO ALENTEJO CENTRAL

Embora tenhamos algumas referências, mas poucas, de menires decorados no Baixo Alentejo (como o Menir de Mac Abraão, em Vila de Frades, no concelho de Vidigueira, que exhibe motivos geométricos, como círculos e linhas picotadas), é sobretudo no Alto Alentejo, nomeadamente na sua região central, que encontramos menires com uma maior variedade iconográfica (Rocha, 2010), que enumeramos abaixo.

Na região de Évora, nos recintos megalíticos de Almendres, Portela de Mogos e Vale Maria do Meio, com uma cronologia de construção que rodeia o Neolítico Antigo e Médio, prolongando-se, em alguns casos, para o Neolítico Final (Gomes, 2011), observamos vários monólitos com decorações gravadas ou em relevo, em que predominam as representações de báculos e lúnulas (Calado, 1997). Para além disso, entre os vários monólitos decorados temos também as estátuas-menires de figurações antropomórficas existentes nos recintos megalíticos anteriormente referidos. Para Mário V. Gomes (2011), as estátuas-menires surgiram, possivelmente, no Neolítico Final, num momento em que houve o interesse de aplanar uma das faces dos menires com o intuito de criar uma figuração antropóide esquematizada recorrendo à representação de faces oculadas representadas com um nariz largo, em forma de rectângulo, e olhos circulares, em que a boca está praticamente ausente. No entanto, para outros investigadores, as estátuas-menires “(..) são integráveis em momentos neolíticos mais iniciais” (Valera, 2010, p. 35). Associada à face podemos ter a representação de lúnulas (adereço simbólico), seios que, embora raros, podem indicar a feminização, cintos ou cinturões, báculos e linhas ondulantes ou ziguezagueantes (Gomes, 2011).

No que se refere aos báculos e lúnulas, trata-se de artefactos, possivelmente de carácter simbólico, que surgem, sobretudo, em contexto funerário e assumem uma cronologia do Neolítico Final/Calcolítico. Iconograficamente, ambos são constantemente representados nos menires e estátuas-menires

do Alto Alentejo. Na Anta da Herdade das Antas e na Anta da Comenda Grande, ambas na região de Montemor-o-Novo, foram identificados báculos em xisto, aproximadamente do 3º. Milénio a.C., que possuem paralelismos com alguns dos báculos representados nos monólitos do cromeleque dos Almendres (Gomes, 1997a).

## MOTIVOS ICONOGRÁFICOS NOS MENIRES DO BARLAVENTO ALGARVIO

No Algarve, o Barlavento Algarvio é a região de maior concentração menírica face ao Sotavento, onde só se conhece o conjunto do Lavajo, em Alcoutim (Cardoso *et alii*, 2002). Com base nos dados de Mário V. Gomes (1997b) e João Velhinho (2003, 2005), foram identificados, até 2001, cerca de 332 menires, sendo o concelho de Vila do Bispo o que detém de um maior número, com cerca de 206 menires registados, a maioria com decoração gravada ou em relevo.

Segundo o primeiro autor (Gomes, 1997b), a arte menírica da região em questão é caracterizada pela representação constante de três modelos iconográficos: conjunto variável de linhas onduladas dispostas na vertical; sequência de elipses (unidas ou não por uma linha central), que podem variar quanto à dimensão e forma; e uma semi-elipse ou uma sequência de semi-elipses adossadas a uma linha, delimitando a glande fálica. Em alguns casos, surge somente uma ou duas linhas a demarcar a glande. As elipses duplas são também um outro motivo decorativo que encontramos, ainda que com menor frequência. As covinhas são também um elemento decorativo presente nos menires do Barlavento Algarvio.

## COMPARAÇÃO SISTEMÁTICA ENTRE OS MOTIVOS DO ALTO ALENTEJO E BARLAVENTO ALGARVIO

Quando procuramos encontrar paralelismos entre os motivos iconográficos dos menires do Alto Alentejo e Barlavento Algarvio, notamos que existe um elevado nível de diferenças, para além de os menires destas duas regiões serem também morfologicamente distintos (Figura 1).

Até agora, tanto quanto se sabe, não foram registados menires no interior alentejano com conjuntos de elipses, linhas ondulantes na vertical e semi-elipses adossadas a um cordão que circunscreve a glande

fálica, como se observa no Barlavento Algarvio. No Alto Alentejo, inversamente, as linhas ondulares são pouco comuns e tende a existir, essencialmente, linhas zigzagueantes. Para além disso, as elipses são substituídas por conjuntos de pequenos círculos dispersos. Quanto à delimitação da glande fálica, tanto no Alto Alentejo como no Barlavento Algarvio é feita através de uma linha, em relevo ou gravada. Note-se, no entanto, que nesta última região a glande é também delimitada através da representação de semi-elipses. No que se refere à representação de báculos e lúnulas (ou luniformes), são dois motivos iconográficos muito comuns nos menires do Alentejo Central, ao contrário do que acontece no Algarve (ver tabela-síntese de comparação). Na zona de Silves identificou-se um menir com a representação de um báculo e outro, conhecido por menir da Alfarrobeira (transformado em estela-menir na Idade do Bronze), que tem representado um motivo luniforme (Gomes, 1997b). As evidências parecem sugerir que estes dois artefactos surgiram num momento evoluído do megalitismo do Alto Alentejo (Gomes, 1997a), momento em que na região é, aliás, comum os menires terem a representação de báculos e lúnulas associados.

O que também diferencia a arte menírica destas duas regiões, é o facto de no Alto Alentejo ser usual um menir ser decorado com uma composição que reúne vários motivos iconográficos. No Barlavento Algarvio os menires apresentam, pelo contrário e de uma forma geral, apenas um ou dois motivos decorativos. Os únicos elementos decorativos comuns entre estas duas regiões são as linhas que circunscrevem a glande fálica e as covinhas, cuja simbologia tem sido objecto de debate.

As diferenças observadas entre o Barlavento Algarvio e o interior alentejano parecem-nos indicar que não existiu uma partilha estilística entre as comunidades neolíticas destas duas regiões. Mas, quando nos voltamos para o Sotavento Algarvio, a sua realidade aproxima-se daquilo que observamos no Alentejo, nomeadamente no Alentejo Central, e pode proporcionar-nos uma pista para o entendimento das diferenças que se têm vindo a assinalar entre ambas as regiões. Com efeito, os motivos decorativos do conjunto megalítico de Lavajo I, em Alcoutim, são semelhantes àqueles que registamos nos menires da zona de Reguengos de Monsaraz, em que temos presentes pequenas circunferências, ferraduras e covinhas dispersas e alinhadas, com ele-

vada variedade dimensional (Cardoso *et alia*, 2002). A partir da análise dos dados preliminares, a inexistência de maiores semelhanças entre o Barlavento Algarvio e o Alto Alentejo pode estar relacionada com o facto de não ter existido, eventualmente, uma linha de comunicação directa entre ambas as regiões, ao contrário do que parece ter acontecido com o Sotavento, em que o Guadiana pode ter permitido contactos directos entre o Sotavento Algarvio e o interior do Alentejo, resultando assim numa certa uniformidade estilística.

A falta de uma investigação mais aprofundada leva a que até hoje ainda não se tenha encontrado respostas cabais para tais perguntas; todavia, não existem dúvidas de que o Barlavento Algarvio e o Alto Alentejo tenham tido expressões culturais distintas, no que respeita, pelo menos, à iconografia megalítica.

## CONCLUSÃO

Um dos grandes problemas que se assiste no âmbito da análise da arte menírica é o facto de não serem feitos paralelismos de forma sistemática, a fim de fundamentar melhor as interpretações. No entanto, para além da interpretação iconográfica, no sentido de tentar decifrar a linguagem artística que nos é apresentada, é também fundamental perceber quem eram as comunidades locais e qual o seu modo de vida, a nível social, cultural, económico e religioso. Só desta forma poderemos estabelecer uma relação comum entre os motivos decorativos que observamos, não só em grande parte dos menires, mas em todas as arquitecturas megalíticas existentes, incluindo as antas.

Determinar quando uma construção megalítica foi erguida é de extrema dificuldade pela inexistência de materiais associados ou devido ao carácter ambíguo dessas associações. Assim, no que se refere aos motivos iconográficos presentes na arte menírica, estes não podem ser datados mesmo que o suporte o tivesse sido, visto que a sua elaboração pode ser contemporânea ou posterior à construção do suporte. Estes factores impedem a avaliação rigorosa da cronologia de ambos os conjuntos meníricos aqui estudados, a qual poderia lançar luz sobre as questões que levantam.

Em suma, o que poderá ter impedido uma uniformização estilística entre estas duas regiões? E o que provocou uma diferença estilística entre as comunidades do Barlavento Algarvio e do Sotavento? Note-

-se que, ao contrário do que acontece na primeira região, pode ter existido entre as comunidades do Sotavento Algarvio e do interior alentejano, principalmente do Alto Alentejo, uma troca de ideias, o que contribuiu para as semelhanças assinaladas. Somente futuros trabalhos de investigação poderão colmatar estas dúvidas.

## AGRADECIMENTOS

Os meus primeiros agradecimentos são dirigidos ao Prof. Doutor Jorge de Oliveira por me ter transmitido o gosto pelo estudo desta matéria. Fico também grata ao Prof. Doutor António Faustino de Carvalho pela sua ajuda. Por fim, quero também agradecer à Dr.<sup>a</sup> Helena Simões e ao Dr.<sup>o</sup> Francisco Correia pelo apoio e suporte que me deram para a análise desta temática.

## BIBLIOGRAFIA

CALADO, Manuel (1997) – Vale Maria do Meio e as Paisagens Culturais do Neolítico Alentejano. In *Paisagens Arqueológicas a Oeste de Évora*. Évora: Câmara Municipal de Évora, pp. 41-48.

CARDOSO, João L.; CANINAS, João C.; GRADIM, Alexandra; JOAQUIM, A. do Nascimento (2002) – Menires do Alto Algarve oriental: Lavajo I e Lavajo II (Alcoutim). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:2, pp. 99-133.

GOMES, Mário V. (1997a) – Cromeleque dos Almendres: Um dos Primeiros Grandes Monumentos Públicos da Humanidade. In *Paisagens Arqueológicas a Oeste de Évora*. Évora: Câmara Municipal de Évora, pp. 25-32.

GOMES, Mário V. (1997b) – *Megalitismo do Barlavento Algarvio: Breve Síntese*. Setúbal: Setúbal Arqueológica. 11-12, pp. 147-190.

GOMES, Mário V. (2011) – Estátuas-menires antropomórficas da Região de Évora: Novos Testemunhos e Proble-máticas. *Actas das IV Jornadas Raianas: Estelas e estátuas-menires da Pré à Proto-História*. Sabugal, pp. 10-36.

GONÇALVES, Victor S. (1999) – *Reguengos de Monsaraz: Territórios Megalíticos*. Reguengos de Monsaraz: Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz.

OLIVEIRA, Jorge de (1997) – *Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica do Rio Sever*. Lisboa: Colibri.

ROCHA, Leonor (2010) – Arte Rupestre e Sociedades Camponesas: Uma Associação Sistemática no Alentejo Central (Portugal). *Global Rock Art: Anais do Congresso Internacional de Arte Rupestre*. Piauí: Fundação Museu do Homem Americano. 1:9, pp. 1381-1390.

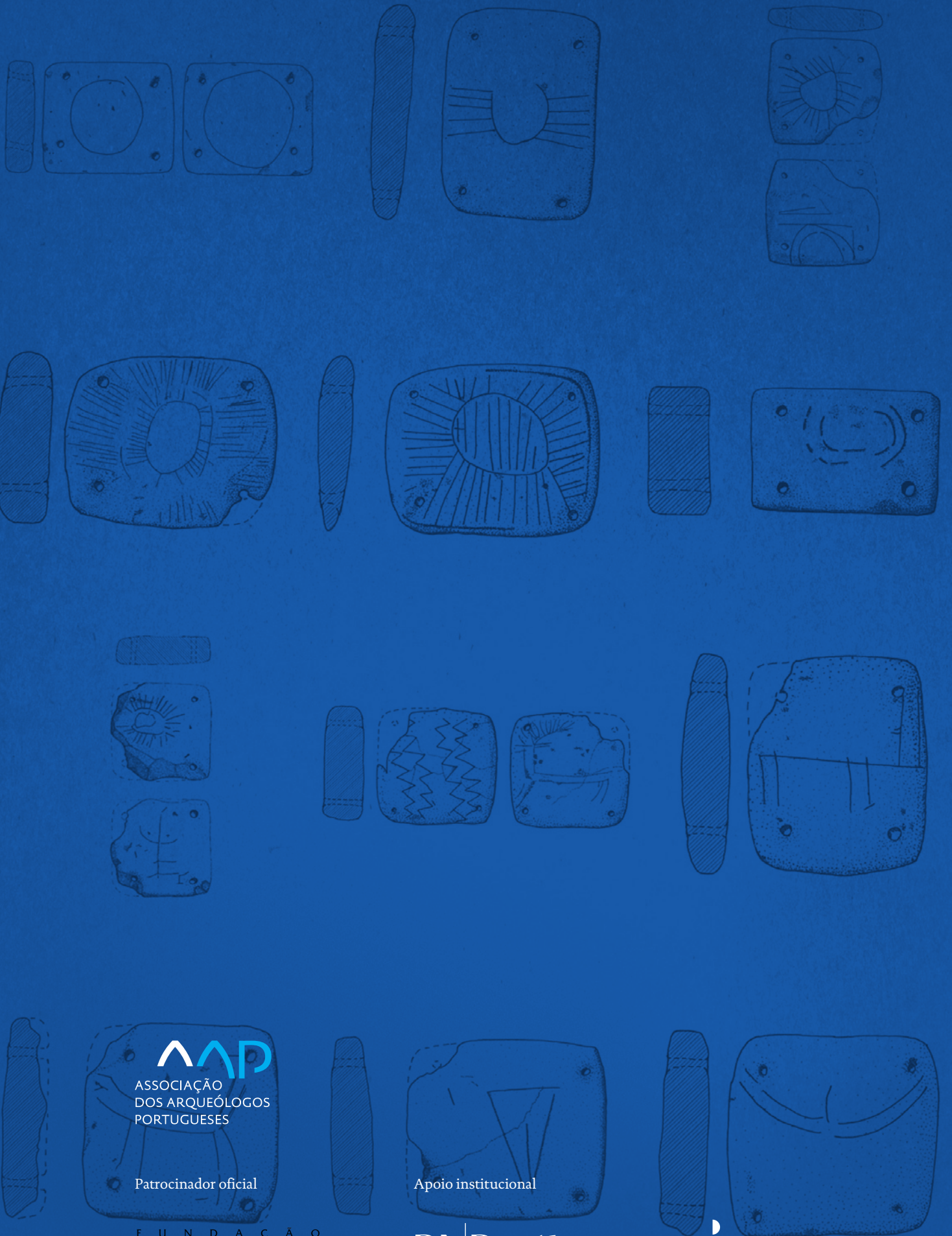
VALERA, António C. (2010) – Marfim no recinto Calcolítico dos Perdigões (1): “Lúnulas”, Fragmentação e Ontologia dos Artefactos. *Apontamentos da Arqueologia e Património*. Lisboa: NIA. 5, pp. 31-42.

VELHINHO, João (2003) – *Repensar a História de Vila do Bispo*. Vila do Bispo: Associação de Defesa do Património Histórico e Arqueológico de Vila do Bispo, pp. 28-43.

VELHINHO, João (2005) – *Menires de Vila do Bispo*. Vila do Bispo: Associação de Defesa do Património Histórico e Arqueológico de Vila do Bispo.

	Báculos	Lúnulas	Círculos	Linhas ondulantes	Soliformes	Linhas ziguezagueantes	Representação Fálica		Elipses segmentadas e não segmentadas		Covinhas
							Variante 1	Variante 2	Variante 1	Variante 2	
Alentejo Central											
Barlavento Algarvio											

Figura 1 – Tabela-síntese de comparação.



**AAP**  
 ASSOCIAÇÃO  
 DOS ARQUEÓLOGOS  
 PORTUGUESES

Patrocinador oficial

Apoio institucional

FUNDAÇÃO  
**Millennium**  
 bcp

**BNP**  
 BIBLIOTECA  
 NACIONAL  
 DE PORTUGAL

 GOVERNO DE  
 PORTUGAL

  
 Parques de Sintra  
 Monte da Lua